

A DISLEXIA NA CONCEPÇÃO DE ESTUDANTES DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPB

Andrêsa Fernanda Gomes Pereira. Ismaelly Batista dos Santos Silva. Izabela Medeiros de Brito. Maria Aparecida da Silva. Geovaní Soares de Assis.

Universidade Federal da Paraíba

*andresafernandagomes@gmail.com; is.Ib@hotmail.com; izabritto@icloud.com;
mariasilvaaparecida10@gmail.com; geo_vanisa@hotmail.com*

Resumo: A dislexia é caracterizada por dificuldades de reconhecimento de palavras, de soletração, decodificação, lentidão na leitura e na escrita, inversão de letras e números e problemas de memorização. Esse transtorno vem se tornando cada vez mais comum em pessoas de nosso convívio, e não afeta apenas a pessoa que apresenta o transtorno mais todos em sua volta. O professor, sendo a pessoa que cotidianamente está em contato com a criança em sua progressão no aprendizado deve estar preparado para observar. Diante disso, a discussão que pretendemos desenvolver nesse artigo recai sobre a interpretação conceitual da dislexia na visão dos estudantes dos cursos de licenciatura da UFPB, com o objetivo de investigar a percepção a cerca da temática e identificar o nível de concepção contextual, promovendo assim o esclarecimento da problemática em questão e um suporte as pessoas que apresentam esse transtorno em seu processo de aprendizagem.

Palavras – Chave: Dislexia, Concepção Conceitual, Licenciatura, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Indicada como um distúrbio ou transtorno de aprendizagem na área da leitura, escrita e soletração, a dislexia é o quadro de maior acontecimento em salas de aula. E a pré-escola é, de certa forma, um divisor de águas para o reconhecimento do distúrbio. A visível facilidade com a qual a maioria das crianças aprende a ler contrapõe fortemente com o impasse de um subgrupo excessivamente grande de crianças que buscam tirar o significado de palavras impressas. De acordo com a definição da International Dyslexia Association (IDA, 2002), tal dificuldade ocorre “apesar de haver uma habilidade intelectual adequada e uma exposição a uma educação efetiva”.

“A dislexia é caracterizada por dificuldades de reconhecimento de palavras, de soletração, decodificação, lentidão na leitura e na escrita, inversão de letras e números e problemas de memorização. O fracasso do desenvolvimento da leitura fluente (capacidade de ler um texto não somente com precisão, mas com rapidez e expressão adequada) também é uma característica do distúrbio que persiste na adolescência e idade adulta. Trata-se de uma condição hereditária, com alterações genéticas, apresentando ainda alterações no padrão neurológico”, explica a neuropsicóloga Márcia Lazzarotto Vizzotto.

Dislexia é uma palavra que deriva da junção de dois vocábulos gregos: “*dus*”, que significa “difícil, mau” e “*lexis*” traduzido como “palavra” entendido no sentido de aprendizado (MOURA, 2006). Seria, portanto, uma dificuldade no aprendizado da palavra escrita.

No atual contexto, em que o professor, mal remunerado, desvalorizado, desestimulado, acumula para si inúmeras tarefas, às vezes mais de um emprego para suprir suas necessidades básicas, o apoio na capacitação continuada, na interação multidisciplinar, no apoio governamental, institucional e da sociedade formará uma base sólida para que nossas crianças tenham a melhor atenção, tanto em escolas particulares quanto públicas. Isso permitirá que sinais de dislexia não sejam entendidos ou diagnosticados erradamente, bem como não se rotule como disléxico qualquer criança com dificuldade transitória de aprendizado ou mesmo aprendizado tardio, em ritmo diferente do de outras crianças da mesma faixa etária (MACHADO, 2012).

Cada caso de dislexia em crianças merece ser tratado como único e uma consulta com um psicopedagogo é imprescindível para descobrir soluções que ajudam no aprendizado. Além de traçar um diagnóstico determinado para cada criança, pois existem vários níveis de dislexia, o psicopedagogo vai orientar sobre estratégias de como lidar com a dislexia em casa e na escola, e se há precisão ou não de exames clínicos ou acompanhamento de um fonoaudiólogo.

O professor, sendo a pessoa que cotidianamente está em contato com a criança em sua progressão no aprendizado deve estar preparado para observar e conforme Menezes (2007, p.40) cita: “fazer uma triagem”. Diante disso, a discussão que pretendemos desenvolver nesse artigo recai sobre a interpretação contextual da dislexia na visão dos estudantes dos cursos de licenciatura da UFPB.

METODOLOGIA

Os percursos metodológicos são uma valiosa ferramenta que pode desde assegurar uma boa execução no transcurso da investigação até mesmo remontar em momento posteriores as estratégias de pesquisa e os meios utilizados em sua operacionalização (FONSECA, 2002). Neste sentido começamos a descrever os materiais e métodos utilizados na presente pesquisa definindo o aparelho conceitual, ou seja, o eixo conceitual norteador para o estudo, aqui entendido pelo contexto de Dislexia que segundo a Associação Internacional de

Dislexia (IDA, 2002), esta é considerada um transtorno específico de aprendizagem que tem etimologia neurológica sendo ainda caracterizada por dificuldade o reconhecimento preciso ou mesmo fluente das palavras, na habilidade de decodificação e na soletração.

Isto posto, passamos a categorizar a pesquisa como sendo do tipo Exploratória, mediante os objetivos, uma vez que, proporciona familiaridade com o problema visando contextualizar e explicitá-lo e dentre outros elementos pode envolver as técnicas de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas experientes no problema pesquisado (GIL, 2008). Por conseguinte, mediante os procedimentos o estudo compreende o tipo de pesquisa de Campo criando coesão com os objetivos e procedimentos adotados para coleta de dados, que segundo Gil (2008) é basicamente realizado por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e/ou de entrevistas com informantes para captar as explicações e interpretações que ocorrem naquela realidade.

A abordagem utilizada na pesquisa encontra-se caracteriza com sendo qualitativa, visto que, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).

Como instrumentos de coleta de dados optou-se por trabalhar com a entrevista semiestruturada (composta de questionário sociodemográfico e duas questões discursivas a serem indagadas aos respondentes da pesquisa) aplicada ao objeto de estudo compreendido pelos estudantes dos cursos de licenciatura que tenham cursado os primeiros seis períodos e que já tenham ou se encontrem em fase de estágios em seus cursos no âmbito da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus I, localizado na Cidade de João Pessoa - Paraíba. Esta medida, que também compreende o recorde no universo da pesquisa justifica-se pelo objetivo da investigação que visa compreender a concepção conceitual destes sujeitos que estão ou irão lidar com indivíduos Disléxicos.

O período de realização da pesquisa compreende o 2º trimestre do ano de 2018 cuja etapa de coleta de dados fora antecedida pela fase de levantamento de fontes informacionais, construção do instrumento e ida a campo culminando coma a aplicação do instrumento (entrevista) mediante os parâmetros anteriormente citados, aplicada de forma aleatório aos voluntários no período de 23 a 27 do mês de abril do ano de 2018.

Os cursos previamente selecionados versam sobre o Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) com os cursos de Psicologia e Ciências Sociais (este último que havia sido alocado pela pesquisa de forma equivocada no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, porém neste centro sequer há cursos de Licenciatura). No Centro de Ciências Exatas e da Natureza (CCEN) o curso de Ciências Biológicas. Já no Centro de Educação (CE) o curso de Pedagogia. No Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) o curso de Dança e no Centro de Ciências da Saúde (CCS) o curso de Educação Física.

Após a etapa de levantamento dos cursos e aplicação de um pré-teste chegou-se a delimitação para coletas dos dados apenas dos cursos de Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Pedagogia, Educação Física nos quais foram realizadas de forma efetiva 12 entrevistas sendo 3 por cada curso. Os demais cursos citados na etapa preliminar foram excluídos do processo como no caso dos estudantes de Dança (onde não foi possível a realização de entrevistas em virtude dos horários complexos dentro do perfil a ser analisado) e o curso de Psicologia, pois não figura no *hall* das Licenciaturas.

Na fase posterior a coleta dos dados por meio das entrevistas, procedeu-se a transcrição dos áudios o que nos munuiu de uma série de informações que passaram a ser analisadas mediante a técnica de análise de conteúdo segundo a perspectiva de Moraes 1999), posto que, como metodologia aplicada a interpretação de dados e informações tem respaldo científico na comunidade acadêmica. Na próxima seção passamos a apresentar os dados estruturados a partir das indagações feitas aos indivíduos participantes da pesquisa.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Os disléxicos são pessoas normais, com inteligência normal, receberam escolarização adequada, com poucas faltas e não mais do que 2 trocas de escola (língua materna) nos três primeiros anos de vida escolar. Não são portadores de problemas psíquicos e neurológicos graves, tem audição e visão normal ou corrigida e, portanto, em nada diferem de uma criança não – disléxica.” (MOOJEN, 2012, p.02)

Ianhez (2002) *apud* Kappes et al (2015, p.11) traz inúmeros sinais observáveis, dentre eles citam-se:

- Dificuldade de copiar as lições do quadro, ou de um livro;
- Problema de lateralidade (confusão entre esquerda e direita, ginástica);

- Dificuldade de expressão: vocabulário pobre, frases curtas, estrutura simples, sentenças vagas;
- Dificuldade em manusear mapas e dicionários;
- Esquecimento de palavras;

A observação destes sinais exige atenção e empatia do profissional envolvido com a criança. Daí se pode mencionar o quão necessário se faz que o professor, tutor, monitor, profissional ligado à educação infantil seja alguém capacitado a entender e auxiliar a identificação, observação e descoberta dos sinais que possam pressupor uma dislexia de desenvolvimento.

O estudo e principalmente o entendimento de temáticas como a dislexia se faz imprescindível para profissionais que objetivam ingressar no mercado de trabalho e estão suscetíveis a qualquer momento se deparar com dificuldades e transtornos da aprendizagem. Neste sentido, em atendimento aos objetivos do presente estudo e com base nos procedimentos metodológicos adotados com vistas a esclarecer os pontos investigados por meio da entrevista semiestruturada que contou com o questionário sociodemográfico (composto das questões: *nome (mantido em sigilo conforme sinalizado em termo de livre esclarecimento)*, *idade, gênero, curso e período do curso*) e as indagações discursivas aos respondentes que foram: “*O que você entende por Dislexia?*” e “*Você se sente apto(a) para Trabalhar com pessoas com Dislexia?*”

Como resultados obtivemos a participação de uma amostra de 12 (doze) entrevistados que responderam tanto ao questionário sociodemográfico quanto as perguntas discursivas. Estes, por sua vez, se encontram distribuídos nos cursos de Licenciatura em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Pedagogia, Educação Física cujos períodos versam entre o 7º (sétimo) e 9º (nono) de forma geral, visto que este público faz parte do recorte da pesquisa que visa compreender a concepção conceitual destes sujeitos que estão ou irão lidar com indivíduos Disléxicos no estágio ou vida profissional.

Quanto ao gênero foram entrevistados 7 (sete) indivíduos do gênero feminino, e 4 (quatro) do gênero Masculino e um indivíduo que não se enquadrava no binarismo dos gêneros auto enquadrando-se como sem gênero definido. Informações que nos revelam a predominância do gênero binário (homem ou mulher), mas que timidamente revela novas identificações sociais quanto ao gênero no contexto das licenciaturas da UFPB Campus I. Os

quatro indivíduos do gênero masculino estão distribuídos nos cursos de Educação Física e Ciências Biológicas.

No tocante a primeira indagação discursiva sobre o que entendem por Dislexia de forma geral os respondentes da pesquisa mediante suas respostas foram separados em categorias dentro de três níveis, onde, o primeiro denota pouco ou nenhum conhecimento ou informação acerca do que trata o transtorno (com um total de 6 (seis) respondentes); em um segundo nível enquadrados os sujeitos com algum nível de esclarecimento, mas sem capacidade técnica de organização do discurso (com um total de 04 (quatro) respondentes); por fim, em um nível abrangente de conhecimento técnico e clareza quanto a conceituação (com um total de 02 (dois) respondentes).

Podemos destacar dentre as respostas mais coerentes e que vão de encontro ao terceiro nível de entendimento com base nas respostas obtidas no contexto da temática. As respostas discursadas pelos estudantes de Educação Física e Pedagogia, identificados respectivamente pelos códigos EEF03 (de gênero masculino, 23 anos, 8º período) e EP02 (de gênero feminino, 26 anos, 7º período) cujas respostas foram:

“Um transtorno em que as pessoas não conseguem compreender muito bem letras e números e sílabas” (EEF03)

Com base no relato pelo estudante EEF03 percebemos a categorização de Dislexia como transtorno que é, bem como sua especificidade característica voltada a dificuldade de interpretação de letras, sílabas e números o que conforme expõe a Associação Internacional de Dislexia (IDA, 2002) encontra-se em bases etimológicas neuronais.

Outro contexto interessante a ser apontado foi o levantado pela estudante de Pedagogia identificada pelo código EP02, cuja resposta transcrita foi:

“Dificuldade de fazer associação entre sílabas na ordem gramatical correta e ocasionalmente faz a troca da ordem das letras e sílabas assim como sua interpretação” (EP02)

De acordo com a fala da estudante EP02 que enquadra o transtorno como dificuldade geral com problemas da linguagem, que de fato é, acaba direcionando a questões particulares como interpretação e comunicação por meio da linguagem escrita.

Isto posto, passamos a indagar todos os voluntários respondentes acerca de sua autodeclaração quanto a “Você se sente *apto(a)* para *Trabalhar com pessoas com Dislexia?*”.

Como repostas obtivemos um total de 09 indivíduos que não se sentem aptos em virtude da falta de conhecimento ou mesmo a necessidade de aprofundamento nos estudos e 03 que afirmam ter condições de trabalhar com sujeitos Disléxicos, onde um do curso de Educação Física (EEF03) se diz apto dentro da área em que atua, um outro estudante de Ciências Biológicas, identificado como sendo (ECB01), que se diz apto sem maiores ressalvas e por fim uma estudante de Pedagogia identificada com o código (EP01) que mesmo reconhecendo as suas limitações informacionais acerca do transtorno endossa que *“isto fará parte do meu trabalho como pedagoga”*.

Os demais entrevistados não foram citados do ponto de vista de seus discursos, uma vez que estes ora enquadraram-se em categorias gerais ora foram apresentados de forma pontual os relatos de maior destaque segundo a análise dos conteúdos transcritos das entrevistas semiestruturadas realizadas no âmbito desta investigação.

CONCLUSÃO

Pela observação dos aspectos analisados, conclui-se que a dislexia é escassamente discutido nos cursos de licenciaturas, impossibilitando a compreensão, acompanhamento, acolhimento e também respeito em relação à sua individualidade, desenvolvimento do disléxico com relação aos futuros educadores. Sendo assim se faz necessária elaboração e aplicação de estudo no contexto dos transtornos da aprendizagem nas licenciaturas, como novos educadores.

Portanto, identificação precoce da dislexia é fundamental, para a viabilização de meios de encaminhamento educacionais de intervenção, para que seja feita ações e práticas diferentes na mediação da aprendizagem, permitindo assim, que os conteúdos sejam absorvidos de maneira adequada. Segundo Tabaquim e Barros (2011) a docência e a ensinagem só serão significativos se forem sustentadas por uma permanente atividade de construção do conhecimento. Diante disso, é necessário trabalhar junto aos futuros educadores seu histórico, a sua caracterização, as suas causas, as suas consequências e, principalmente, a proposição de sugestões de intervenção junto ao aluno disléxico.

REFERÊNCIAS

FONSECA, J. J. S. da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.. ATLAS. 2008.

KAPPES, D. et al. **Dislexia**: As muitas faces de um problema de linguagem. Disponível em: <<http://www.profala.com/artdislexia18.htm>>. Acesso em: 25/05/2015.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Métodos Qualitativos e Quantitativos**: oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

MOURA, O. Jornal de Notícias: **Suplemento Guia Prático da Educação**. Portugal. Setembro, 2006. Disponível em: <<http://dislexia.pt/>>. Acesso em: 25/05/2015.

MOOJEN, S. M. P. **Orientação para o trabalho com o disléxico na escola**.

Disponível em: <<http://www.psicosol.com/orientacoes-para-o-trabalho-com-o-dislexiconaescola/>>. Acesso em: 25/05/2015.

MACHADO, L. **Porque Einstein teve dificuldade em Aprender?** Como surge a Superinteligência. Cidade do Cérebro. 2012. Disponível em: <<http://www.cidadedocerebro.com.br/artigo/inteligencia/por-que-einstein-tevedificuldade-em-aprender/64>>. Acesso em: 22/06/2015.

MENEZES, R. de P. **Intervenção Psicopedagógica**: uma aluna disléxica. (Dissertação de Mestrado em Educação). PUCRS: Porto Alegre, 2007.

TABAQUIM, M. L. M.; BARROS, D. M. V. **Iniciação científica na sociedade da informação e do conhecimento**. Mimesis, Bauru, v. 32, n.1, p. 79-88, 2011.